



Lançamento do livro “Reflexões em tempos de Pandemia - Discurso Coimbra

Sinto-me muito honrado pelo convite para apresentar o meu mais recente livro na cidade do nosso País que melhor personifica aquilo que se denomina genericamente por conhecimento. Conhecimento científico, certamente, corporizado na sua vetusta e conceituada universidade, mas também noutros domínios do saber e da expressão criativa do génio Humano, bastando, para tal, evocar as figuras ímpares de algumas destacadas personagens que aqui nasceram, estudaram, trabalharam, viveram ou morreram, tais como Fernando Namora ou Miguel Torga, só para citar dois dos nossos mais conceituados colegas que aqui aprenderam a ser mais do que simples discípulos do Pai da Medicina.

No estrito respeito pelo conceito segundo o qual as problemáticas da saúde e da doença não dizem respeito exclusivamente aos médicos e aos restantes profissionais do sector, o que se aplica, por maioria de razão, a tudo o que concerne à atual pandemia, decidi que este livro iria ter, não apenas uma, mas antes duas pessoas a apresenta-lo, sendo obrigatoriamente uma delas, não médica, tal como hoje novamente se concretiza, pois tenho o prazer estar aqui acompanhado pelos Professores Paulo Nossa e Saraiva da Cunha, respetivamente, geógrafo populacional, o primeiro, e, médico Infeciologista, o segundo, o que implicará certamente ouvirmos cada uma destas reconhecidas personalidades do seu meio académico dissertar sobre uma mesma realidade sob ângulos

que, sendo naturalmente diferentes, serão certamente complementares e que a todos os presentes enriquecerão muito.

Em consonância, este livro não é, pois, “apenas”, uma exposição acerca das áreas da microbiologia, da saúde pública, da farmacologia, ou, sequer, dos aspetos clínicos estritamente considerados, pois nele o leitor pode constatar que também me detive sobre os domínios da pintura, da música, do turismo e nas viagens, da culinária ou da enologia, ou seja, em vertentes fundamentais da minha própria vivência, o que visa transmitir uma noção, bem interiorizada desde há longo tempo, que jamais me poderia considerar feliz e realizado, cingindo-me somente ao exercício de minha profissão e de uma única especialidade médica, pois considero que a vida, tal como a entendo, é, antes, uma mescla heterogénea e abrangente de múltiplos interesses e sentimentos.

Contudo, importa não escamotear que o cerne do mesmo, é, como não poderia deixar de ser, a abordagem dos aspetos relacionais do exercício profissional do médico perante o seu doente, assim como dos fundamentos de índole ético-deontológica que a eles devem presidir, tal como o idealizei no livro “A relação Médico-Doente”, de que fui editor e coautor, e que aqui apresentei na véspera dos primeiros casos de infeção por SARS Co-2 terem sido diagnosticados em Portugal, precisamente no Porto, cidade onde ontem apresentei este mesmo livro.

Falar de vida, de prazer, de sofrimento e de morte, como se diz no título secundário da obra, não é outra coisa se não evocar os aspetos que envolveram a vivência daqueles dois atores no decurso destes infundáveis e inesquecíveis dois anos, que certamente será jamais impossível que qualquer um deles o esqueça, e, dos quais, os sobreviventes emergiram seguramente diferentes e supostamente mais conscientes do seu verdadeiro papel na sociedade, tal como da sua intrínseca e humanizante fragilidade.

Na minha perspetiva, como jamais me cansarei de enfatizar, nunca a solução daqueles problemas se poderá encontrar exclusivamente na inebriante revolução tecnológica, o que não significa, de todo, que subestime o enorme auxílio que dela podemos retirar, se toda a Humanidade tiver acesso, sem quaisquer barreiras discriminatórias de índole económica, social ou de qualquer outro domínio, como aludo no

Preâmbulo do livro, aos frutos da investigação científica, dado que isso é matéria da mais pura ética civilizacional.

Assim, não exitei em abordar também as difíceis temáticas da eutanásia e da imortalidade, esta última, enquanto objetivo oculto e não confesso de todo o milenar percurso da Humanidade, porque apoderar-se dos poderes reservados às divindades, sempre foi, no meu entendimento, a consequência lógica de tal trajetória no planeta em que todos nós habitamos, tal como, penso, ficou sublimemente retratado no teto da Capela Cistina do Vaticano pelo génio de Michelangelo, na qual o dedo indicador do Homem quase toca o do seu Deus. O que, a acontecer um dia, seria como que o final menos apoteótico e desumano para a nossa existência coletiva que alguém poderia jamais sequer imaginar.

Por todas estas razões, o título principal que dei foi o de *“Reflexões em tempos de pandemia”* e não o de *“Reflexões sobre os tempos de pandemia”*, precisamente porque a confrontação diária com o limiar da vida e da morte, motivou-me a refletir para além dessa dicotómica realidade, evitando, assim, remeter-me a ficar enredado no seu âmbito mais imediato e circunscrito, dado que acabei por concluir que, para lhe resistirmos, temos de analisar, não só os inerentes fenómenos em sentido isolado, mas, igualmente, os seus contextos e a inerente inter-relação entre eles, onde se inserem as vertentes alusivas às políticas de saúde e à multidimensionalidade do Ser Humano, não só enquanto doente ou profissional, mas igualmente enquanto cidadão consciente dos seus deveres e direitos.

Sobretudo, num tempo em que foi patente que, para salvaguardarmos o coletivo, tivemos que suspender a individualidade, estratégia tanto necessária quanto perigosa, porque deixa margem para que dela alguém se possa vir a aproveitar, transformando aquilo que deveria ser sempre entendido como excecional e fugaz, resultado de uma atitude assumida com vontade própria por cada um dos indivíduos, numa sub-reptícia dominação permanente, a pretexto de se estar a defender, prioritária e genuinamente, a saúde pública.

É tudo isto que poderão encontrar no livro que é, assim, mais do que uma mera coletânea de diferentes textos organizados por ordem cronológica, porque essa foi a metodologia que me pareceu mais correta para não desvirtuar a sua mensagem e a verdade dos factos, na esperança que não

o tenha que vir a fazer novamente no futuro, porque tal significaria que pouco teríamos aprendido com a presente crise.

Coimbra, 2021/11/13, José MD Poças